



**casadesarmento**

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4810-241 Guimarães  
E-mail: [casa.sarmento@csarmento.uminho.pt](mailto:casa.sarmento@csarmento.uminho.pt)  
URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)

## AS DOENÇAS E A MORTE DE HERCULANO (1)

Dos médicos e cirurgiões, que intervieram no tratamento de Herculano na sua última doença, já conhecemos Mendes Pedroso. Vamos procurar conhecer os restantes, e em primeiro lugar saibamos quem era o dr. Santos, a quem se refere Brito Aranha e que substituiu o assistente quando este se via obrigado a ausentar-se para assistir à sua clientela.

Era António dos Santos, a respeito de quem escreveu um extenso esboço biográfico um dos nossos primeiros discípulos, o dr. Augusto de Castro, que fez clínica em Santarém durante anos. Não nos é possível acompanhar este excelente trabalho nas suas minudências, mas extractaremos dele o mais importante para tornar conhecida a simpática figura do modesto clínico.

António dos Santos nasceu no lugar das Moitas de Cima, da freguesia de Alcanede, no concelho de Torres Novas, em 13 de Abril de 1815. Os pais, António dos Santos e Maria do Rosário, viviam do trato agrícola e em escassa modéstia de recursos. O filho cedo começou a moirer como pegureiro, mas descuidava-se para tentar decifrar as letras de um livro que pôde haver às mãos e quasi se pode dizer que aprendeu a ler por exclusivo trabalho próprio. Havia em Monsanto um convento de frades que fornecia instrução literária às crianças que o demandavam e onde Santos, vendida pelos religiosos a repugnância dos pais em consentirem que o pegureiro estudasse, recebeu a sua primeira educação, sendo mais tarde enviado para o convento

de S. Pedro de Alcântara, em Lisboa, com o fim de fazer o seu noviciado, mas a extinção das ordens religiosas por Joaquim António de Aguiar deixou-o sem recursos, sem protecções, ao abandono em terra tão hostil como a Lisboa do tempo para um desprotegido. Foi trabalhar a bordo de um navio ancorado no Tejo, mas a brutalidade com que o tratavam levou-o a abandonar o navio, vagueou faminto pela cidade e obteve meios de não morrer de fome, vendendo água e fazendo recados em algumas casas, uma das quais foi a de José Dionísio Correia, ao tempo administrador da farmácia do Hospital de S. José. Este, passado algum tempo, deu-lhe colocação na farmácia do Hospital, mas os seus empregados hostilizaram o pequeno e ele viu-se obrigado a abandoná-la e a fazer-se taberneiro com outro moço que fora tratado com a mesma crueza pelos praticantes da botica do Hospital. A sua tentativa foi, porém, mal sucedida e ele viu-se forçado a voltar à farmácia onde o proprietário o acolheu, festivamente, mas não os companheiros. Afinal, estes harmonizaram-se e ele pôde trabalhar na botica e ao mesmo tempo estudar os preparatórios para a Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, na qual se matriculou em 1841, concluindo o curso em 1846, com a defesa da dissertação inaugural que se intitula: *O frio nas suas aplicações terapêuticas e principalmente cirúrgicas*. Iniciou então a sua vida clínica, primeiro em Lisboa, depois em Monsanto, e por último em Santarém, onde se fixou em 1852. Aqui, também teve grandes obstáculos a vencer, mas acabou por triunfar, para o que lhe não faltavam qualidades de médico esclarecido e de cirurgião perito, abalançando-se com bom êxito as operações mais delicadas, como a talha, a traqueotomia, as laqueações de vasos importantes, o trépano, as delicadas da cirurgia ocular. Diz o sr. dr. Augusto de Castro que foi ele o primeiro cirurgião que na provincia empregou a cloroformização, o que não temos elementos para confirmar ou negar, porque não é datada a asserção. Tinha uma grande habilidade mecânica e gostava de exercitar não só em instrumentos de cirurgia para proveito dos seus doentes, mas em mecanismos de outra natureza.

Fora da sua profissão, foi eleito em 1862 vereador

(1) Continuação de pag. 82.

do município de Santarém e na sua gerência dotou aquela cidade de melhoramentos importantes, vencendo a rotina e as contrariedades que se lhe depararam. As mesmas qualidades de decisão e energia manifestou em outros cargos que desempenhou. Afinal faleceu em 27 de Setembro de 1896 e a cidade prestou-lhe dignamente as honras a que lhe dava direito uma vida inteira de fôrça de vontade, de abnegação e de coragem. A memória das suas qualidades e serviços não esqueceu em Santarém, visto que ainda hoje a recorda uma enfermaria com o seu nome que em Março de 1909 foi inaugurada no Hospital.

O amigo de Herculano que escreveu a Bulhão Pato a carta, que no número anterior desta *Revista* transcrevemos, era José Alexandrino de Avelar que nasceu na ilha de S. Miguel, pelas alturas de 1833 e faleceu em 12 de Março de 1895, de púrpura hemorrágica <sup>(1)</sup>. Era filho de um liberal que exercera o cargo de escrivão da Mesa Grande em Ponta Delgada e depois prestou os maiores serviços à causa constitucional na memorável batalha da Ladeira da Velha quando Vila Flor fez a expedição de S. Miguel. Bateu-se então como voluntário, mas em seguida, como empregado de finanças, não foi menor a sua dedicação, conseguindo recursos para o novo Governo que deles carecia. Veio depois para Lisboa, em 1836, foi nomeado administrador da Alfândega de Ponta Delgada que circunstâncias imperiosas de pundonor o forçaram a rejeitar. Foi por isso colocado como guarda-mor do sal e lastros em Setúbal, cargo que exerceu até 1844 em que o demitiram por ter mostrado simpatia pela revolta de Tôrres Novas. Quando as lutas civis terminaram em 1852, foi nomeado director do círculo das alfândegas do Algarve. Era de um carácter franco e generoso, dedicado até ao sacrifício e de ânimo forte para suportar as contrariedades da vida <sup>(2)</sup>.

José de Avelar fez com muita distinção o curso

<sup>(1)</sup> Devemos esta informação ao nosso bom amigo e colega dr. António de Azevedo, a quem muito a agradecemos.

<sup>(2)</sup> *Portugal — Diccionario historico.*

da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, terminando-o em 1859 com a defesa da dissertação *Cancro das mamas, extirpação*, alcançando aprovação com louvor. Era querido dos seus professores Tomás de Carvalho e Magalhães Coutinho e no círculo dos seus condiscipulos tinha verdadeira dedicação por dois, um que foi vítima da sua dedicação pela humanidade, João Luis Gonçalves, e outro que teve um certo renome nas letras, Rodrigo Paganino.

Bulhão Pato descreve-o em 1856: «Era alto. O pescoço elevava-se dos hombros robustos, mas airosamente descahidos; a cabeça fazia lembrar os retratos de Velasques, se as feições fossem tão duras como as dos cavalleiros, que immortalizou na tela o famoso pintor hespanhol. O rosto severo e palido, salvo quando um impeto de colera lhe alvorotava o sangue. Felizmente eram muito raros esses impetos e só depois de provocação insolita. Os olhos pretos, como os cabellos também pretos, abundantes e ondeados.

«Barba crescida, negra, retinta e finissima. Era o mais bello moço do seu tempo em Lisboa, e os condiscipulos apontavam-no como o mais intelligente» <sup>(1)</sup>.

Avelar exerceu a principio clinica em Lisboa e uma vez ou outra escrevia nos periódicos do tempo, como no *Futuro*, onde publicou um sentido artigo acerca de João Luis Gonçalves; assistiu à agonia de Rodrigo Paganino, o malogrado autor dos *Contos do tio Joaquim*; depois exerceu a sua profissão em Vila Nova de Portimão, e veio depois para Lisboa, pouco antes de 1879, sendo nomeado guarda-mor da saúde do Porto de Belém.

Como tal interveio pela imprensa numa questão a que deu lugar a publicação do livro de Sousa Martins *A febre amarela importada pela barca Imogene*. Depois nada mais sabemos a seu respeito até à data do seu falecimento.

José Maria Alves Branco é uma das figuras mais notáveis da moderna cirurgia portuguesa. Nasceu em Lisboa a 8 de Fevereiro de 1822 e nesta cidade faleceu

<sup>(1)</sup> Bulhão Pato — *Sob os ciprestes*, Lisboa, 1877, pág. 199.

a 8 de Junho de 1885. Formou-se na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa em 30 de Julho de 1842, defendendo a dissertação inaugural sobre *Hipertrofia da lingua*, que ficou manuscrita. Pouco depois da conclusão do seu curso foi nomeado cirurgião extraordinário do Hospital de S. José em 24 de Novembro de 1842, e em 30 de Julho de 1855 cirurgião do banco.

Desenvolvendo-se a cólera na Madeira, tam violenta foi a epidemia que numa população de 100.000 habitantes mais de 7.000 morreram. Não havia médicos, nem medicamentos, e o Governo mandou socorros e pessoal e entre os facultativos Alves Branco. Foi este de uma coragem, de uma energia e de uma devoção verdadeiramente extraordinárias. Um dos maiores serviços foi a instalação de um hospital em S. Vicente, concelho horrorosamente assolado pelo flagelo. Ao papel de médico teve de associar o de farmacêutico, o de agente de socorros domiciliários, de administrador do dinheiro dos que pagavam os medicamentos. Foi extenuante o trabalho e tanto que a sua robusta constituição foi vencida. Quási no termo da epidemia foi acometido pela cólera, mas felizmente resistiu-lhe. Deu-se então um facto notável que mostra bem que os sentimentos generosos se albergam às vezes nos indivíduos mais degradados. «Quando a epidemia parecia querer deixar deserta a cidade e o Hospital da Misericórdia estava convertido em vastíssima enfermaria de coléricos, faltaram num dia os enfermeiros de ambos os sexos. Uns haviam morrido, outros achavam-se tocados do flagelo, e alguns aterrados pelo presenciar tão repetidas scenas de agonia e de morte tinham abandonado os seus logares. Alguem se lembrou nestas circunstancias de ir á enfermaria de sífilis, denominada de Santa Maria Madalena, para ver se conseguia que algumas das meretrizes ali em tratamento servissem de enfermeiras dos coléricos. A tentativa parecia infructuosa, considerada a gravidade do perigo, a fraqueza do sexo e a desfavoravel condição moral daquelas infelizes. Não foi porem, assim, pois que contra a expectativa geral *todas declararam que queriam servir*»<sup>(1)</sup>.

(1) *Medicina contemporanea*, de 1885, pág. 185.

Regressando a Lisboa, foi em 1857 nomeado director do banco do Hospital de S. José e coube-lhe em 27 de Abril de 1852 a direcção de uma enfermaria de mulheres, passando em 1878 a fazer clinica no Hospital Estefânia. Durante os 20 anos que serviu neste hospital, teve occasião de prestar valiosos serviços não só a prática cirúrgica, mas ainda a educação profissional da geração médica que se lhe seguiu. Introduziu entre nós muitos aperfeiçoamentos colhidos nas suas leituras de cirurgiões ingleses e norte-americanos. Foi ele quem fez em Lisboa as primeiras applicações do penso de Lister e quem fixou definitivamente em Portugal a ovariectomia que fôra pela primeira vez praticada por António Maria Barbosa, que se deixou possuir de desânimo perante o mau resultado da sua primeira intervenção.

Disse Miguel Bombarda na *Medicina contemporanea*: «Era na pratica da ovariectomia que de modo mais brilhante se patenteavam as suas eminentes qualidades de operador e acima de todas a serenidade, o sangue-frio inalteravel, com que eram encaradas as mais inesperadas e as mais intrincadas difficuldades, mesmo aquellas que, predizendo uma terminação fatal, com ella abalariam os creditos do operador. Hoje que a ovariectomia se converteu numa operação corrente, tão corrente como tantas outras mais difficeis que antes della se executavam todos os dias, hoje essas qualidades tão notaveis em Alves Branco como que perdem do seu extraordinario vigor. Mas é preciso reportarmo-nos ao tempo em que elle proprio começou a sua serie de ovariectomias, aos preconceitos que então dominavam a cirurgia portugueza e faziam do peritoneu o mais terrivel dos inimigos que o cirurgião tem a subjugar, á impressão deixada pelos insucessos de um dos nossos mais notaveis operadores, para que se levantem á sua verdadeira altura essas qualidades de humor inalteravel e de *sans-gêne*, que ainda hoje são objecto de admiração para aquelles que viram Alves Branco manipular as visceras abdominaes quase como se faria num cadaver.»

Alves Branco assinalou-se igualmente como jornalista médico. Desde 1859 começou a publicar no *Arquivo Universal* umas *Revistas medicas de Lisboa*, que

eram apreciadas. Na *Revista medica portugueza*, na *Gazeta medica do Porto*, no *Jornal da Sociedade Emulação*, no *Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas* e no *Correio Medico de Lisboa*, periódico que fundou com o prof. Silva Amado e com Clemente José dos Santos, encontram-se artigos seus de valia. Nêle fez uma campanha denodada em favor da reforma das instituições hospitalares de Lisboa.

Sócio da Sociedade das Ciências Médicas, da Academia Real das Ciências e da Sociedade de Geografia, em tôdas estas corporações se salientou, sobretudo na primeira de que chegou a ser presidente. Eleito vereador da Câmara Municipal de Lisboa, prestou-lhe relevantes serviços, sobretudo melhorando a hygiene e a instrução do município. Pertenceu ao Directório do partido republicano português mostrando decidido amor à causa democrática. Por ocasião do seu falecimento, as honras fúnebres que lhe foram prestadas demonstraram bem quanto era estimado e considerado.

(Conclui no próximo n.º).

MAXIMIANO LEMOS.